
A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA *SENHORA DOS MARES* THE REPRESENTATION OF THE FEMININE IN THE WORK *LADY OF THE SEAS*

Ione Silva Vilela Pícoli¹

Resumo: Este artigo investiga o texto contemporâneo *Senhora dos Mares (2012)*, autoria de Ana Maria Machado na perspectiva de encontrar um discurso que vise auxiliar o leitor no rompimento das representações do masculino e do feminino dentro da lógica dicotômica e excludente tida como hegemônica. Como fundamentação teórica recorreu-se, especialmente, às análises críticas propostas por Simone Beauvoir (2009), Virgínia Woolf (2008) e Pierre Bourdieu (2015).

Abstract: This article investigates the contemporary text *Lady of the seas (2012)* (*Senhora dos Mares (2012)*), by Ana Maria Machado in the perspective of finding a discourse that aims to assist the reader in breaking the representations of the masculine and the feminine within the dichotomous and exclusive logic considered as hegemonic. As a theoretical basis, the critical analyzes proposed by Simone Beauvoir (2009), Virginia Woolf (2008) and Pierre Bourdieu (2015) were used.

Palavras-chave: Literatura infantil; Ana Maria Machado; Representação de gênero; Feminismo.

Keywords: Children's literature; Ana Maria Machado; Gender representation; Feminism.

Introdução

Enquanto prática social, a Literatura Infantil não é neutra, tanto pode legitimar condutas desejadas socialmente, reafirmar estereótipos, quanto emancipar e fazer com que seu leitor reflita sobre elas, pois traz em seus textos forte carga ideológica. Produzidos em sua maioria por adultos, esses textos, direcionados para a criança, um ser que está em formação, vêm impregnados de valores, condutas e ideias que poderão ser assimilados por elas, interferindo ou auxiliando-as nas construções de suas identidades. Dessa forma a infância está sempre à mercê desses significados que culturalmente a sociedade quer nela introjetar, pois, a criança historicamente foi concebida como um ser social, ou como se refere Kramer: “Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas” (BRASIL, 2006, p.14).

Nessa perspectiva, a Literatura, presente no universo infantil, torna-se um instrumento valioso para difundir conceitos, condutas e estereótipos, conforme destaca Marisa Lajolo: “[...] dentre as vozes responsáveis pela imagem de infância em circulação em sociedades do feitiço da nossa, destacam-se as

¹ Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Este artigo é parte de minha dissertação de Mestrado pelo mesmo programa, intitulada: *Coisa de menino, coisa de menina: representações de gênero nas obras infantojuvenis de Ana Maria Machado*.

artes. Dentre estas, a literatura” (LAJOLO, 2003, p.232).

Entendendo a Literatura Infantil como uma forma privilegiada de comunicação em nossa cultura, devemos, então, nos atentar para que tipo de valores, ideais de comportamento e conduta ela vem transmitindo para nossas crianças. Essa preocupação torna-se fundamental porque, ao entrar em contato com o texto, muitas crianças ainda não apresentam elementos suficientes para questionar o que lhes está sendo apresentado.

Como a maioria dos livros que circulam no universo literário infantil brasileiro referendam o discurso hegemônico das relações de gênero, que ditam normas fixas de como ser menina ou menino, é necessário um mapeamento de obras que ofereçam um discurso de resistência a essa dominação. Essa predominância do masculino sobre o feminino, que acontece em todas as áreas, foi estudada pelo filósofo Pierre Bourdieu (2015), que identificou o fenômeno, descrito por ele como “violência simbólica”.

O autor, quando descreve, em sua obra *A dominação masculina* (2015), sobre essa violência, nos convida a refletir sobre a sua permanência ainda nos dias atuais. Apesar de todas as conquistas feministas, ainda constatamos o quão nefasto é, para o sujeito feminino, as desigualdades existentes entre os gêneros.

Assim, apostamos que uma história infantil que permita o contato da criança com modelos que não compartilham do objetivo de normalizar as condutas na infância com características excludentes, pode apresentar a pluralidade como matriz para a construção de uma identidade de gênero mais igualitária entre os sexos. A valorização da pluralidade na formação da identidade de gênero é necessária para a formação de futuros cidadãos. Regina Zilberman (1990) discute que essa possibilidade, de que apresentar para as crianças resistência na criação dessas identidades, traga ganhos para todos, pois, ao mostrar sempre os mesmos papéis desempenhados pelos sujeitos, muitas obras literárias acabam apresentando um discurso conformista, sem possibilidades de mudanças, reforçando assim os antigos papéis.

Propiciar aos pequenos leitores essas novas significações possivelmente irá auxiliá-los quando estiverem em contato com diversidades e forem atravessados pelas práticas de outras instâncias socioculturais. O poder que têm as narrativas sobre nossas concepções nas formas de ser e estar no mundo é amplamente propagado por Jorge Larrosa quando nos diz que, ao entrar no universo de uma narrativa, ela não revela apenas histórias dos outros, “elas também contam histórias sobre nós e o mundo em que estamos, e, nesse sentido, nos ajudam a dar sentido, ordem, às coisas do mundo e a estabilizar e fixar nosso eu” (LARROSA, 1999, p.462).

Dessa forma, por meio de seu caráter lúdico, os textos literários infantis poderão também auxiliar na desconstrução de preconceitos de gênero para as gerações futuras, ao permitir que o pequeno leitor tenha contato com as amplas possibilidades de vivências do masculino e feminino. Literatura e Gênero, portanto, compõe uma parceria extremamente significativa nessa função, por se

tratarem de “agentes primordiais da formação da criança” (ZINANI; CARVALHO, 2015, p.13).

A pesquisadora Salete Rosa Pelozzi dos Santos (SANTOS, 2008) nos mostra, também, que a personagem feminina mirim somente irá ganhar destaque na Literatura Infantil Brasileira na década de 1980, apesar da intensa produção do gênero ocorrida na década de 70. Outra estudiosa do tema, Luiza Lobo, destaca que não é apenas nas artes literárias que a mulher busca se libertar dos papéis tradicionais, essa luta pode ser percebida em outras instâncias da sociedade que vive sob a repressão do regime conservador militar: “o que se constata no Brasil, nos anos 1975-85, tanto no plano social quanto no literário, é que as mulheres buscaram e conseguiram se libertar dos papéis tradicionais” (LOBO, 2007, p.69).

Entendemos que não poderia ser diferente, pois as questões femininas estavam sendo amplamente discutidas no mundo inteiro e a ONU já havia decretado os anos de 1976-1985 como a década da mulher. A maior participação da figura feminina não se restringe apenas às personagens literárias, como citado, ela ocorre também no social, e as escritoras aparecem em maior número no mercado editorial, sendo tal fato fundamental para que, numa tentativa de equacionar as desigualdades de gênero, a voz feminina também fosse autoral. Essas autoras irão apresentar em suas obras novos contornos à representação de gênero na Literatura Infantil Brasileira contemporânea, possibilitando, assim, uma educação mais plural, embasando os pensamentos posteriores desses leitores quando adultos:

O diálogo da literatura para crianças e jovens, com os estudos de gênero, se insere no espaço que produz as futuras relações de poder, sendo importante seu questionamento e possibilitando a formação de identidades plurais. As primeiras leituras de uma criança podem marcar tanto quanto as experiências físicas, constituindo cicatrizes, construindo movimentos, moldando formas de agir e pensar. (POLETTI, 2015, p.149-160 *apud* ZINANI; CARVALHO 2015, p.152)

Entre as escritoras engajadas nesse novo movimento da Literatura Infantil, destaca-se Ana Maria Machado, autora de um conjunto expressivo de obras voltadas para o público infantil, com obras premiadas nacional e internacionalmente, com destaque para o prêmio *Jabuti* (1983) e o *Hans Christian Andersen* (2000), o “Nobel” da Literatura Infantil e Juvenil. Em seu universo literário, Ana Maria Machado criou e recriou personagens femininas e masculinas notáveis, questionadoras de estereótipos, que conseguem subverter aspectos ideológicos patriarcais consagrados. Para explicar a postura da autora frente ao movimento de ressignificação dos papéis feminino e masculino em nossa sociedade, utilizo-me das palavras da própria autora:

Sou mesmo contra a corrente. Contra toda e qualquer corrente, aliás. Contra elos de ferro que

formam cadeias e servem para impedir o movimento livre. E contra a corrente que na água tenta nos levar para onde não queremos ir. No fundo, tenho lutado contra correntes a vida toda. E remado contra a corrente, na maioria das vezes. Quando as maiorias começam a virar uma avassaladora uniformidade de pensamento, tenho um especial prazer em imaginar como aquilo poderia ser diferente. (MACHADO, 2009a, p.7)

Nessa perspectiva, a problematização de representação de gênero será feita ancorada no conceito proposto por Joan Scott (1990) que o compreende como uma forma de significação das relações de poder dentro das sociedades. Na década de 80 foi amplamente discutida a distinção entre sexo e gênero, e concluiu-se que as diferenças comportamentais entre o feminino e o masculino são constructos sociais.

Nesse sentido, no que diz respeito às questões de gênero, pois não entraremos nas questões relativas à sexualidade, procuramos identificar, na obra em análise, trechos onde o perfil construído pela protagonista contesta as características dicotômicas que prescrevem universos opostos e excludentes para a vivência de cada um dos polos, ou se estabelecem essa hegemonia como modelo a ser seguido.

No livro *Senhora dos Mares* (2012), analisamos a possibilidade de uma menina vivenciar a profissão de marinheira, o que não era permitido no seu contexto social, porque esse tipo de ocupação era determinado como apropriado, apenas, para os sujeitos masculinos. Trabalharemos esse texto, portanto, através da temática profissão, recortada especificamente no campo das representações de gênero. Pretendemos, através desse prisma, identificar se existe, nesta obra, diferenciação de papéis masculinos e femininos desempenhados pelos personagens infantis.

Marina e a representação do feminino: uma análise da obra *Senhora dos Mares*

Publicado em 2010, *Senhora dos Mares* (2012) explora a questão de gênero através do papel social atribuído à mulher em relação à escolha profissional. Embora as desigualdades entre homens e mulheres sejam construídas na esfera cultural e social, existe uma forte ideologia cuja intenção é fazer crer que a divisão dos papéis entre eles é naturalmente determinada pela condição biológica. Portanto, no imaginário social, é muito comum serem direcionadas às mulheres profissões predominantemente associadas à “força de trabalho secundária” (OIT, 2010, p.12).

Apesar de uma maior participação das mulheres em diferentes tipos e ambientes de trabalho, esse pensamento contribui para reafirmar velhos estereótipos relacionados às atribuições das mulheres e dos homens no mundo profissional. Virginia Woolf, em seu artigo “Profissão para mulheres”, entre outras reflexões, nos convida a pensar sobre os fatores que possibilitaram a entrada das mulheres no mercado de trabalho. E, ironicamente, diz que, para ela e outras escritoras, esse protagonismo só foi

possível por se tratar de uma profissão que, se julgava na época, decente, barata e inofensiva:

Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesesseis pences bastam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões. (WOOLF, 2008, p.8)

No entanto, para Woolf, o maior adversário, no início de sua carreira de escritora, seria ter que “combater um certo fantasma”, ao qual ela deu o nome da heroína de um famoso poema, “O Anjo do Lar”. Para a autora, e tantas outras mulheres de sua época, esse era um desafio a ser vencido todos os dias, pois a sociedade esperava que a mulher desempenhasse primeiro o papel feminino que lhe era atribuído, cujo perfil, descrito a seguir, a autora tentou resumir:

Ela era extremamente sim – Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. (WOOLF, 2008, p.11)

A interferência desse “Anjo” na vida da escritora inglesa durou pouco. Apesar de fazer parte de toda casa, esse fantasma de mulher, seu *alter ego* talvez, fez “sombrias” com suas asas apenas nas primeiras páginas de sua escrita. Woolf percebeu que seria impossível escrever tendo que incorporar esse fantasma que assombra as mulheres, impossível criar se não tivesse opinião própria, e, dessa forma, matou esse “Anjo”, como narra a seguir:

Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam – falando sem rodeios – mentir. Assim, toda vez que eu percebia a sombra de sua asa ou o brilho de sua auréola em cima da página, eu pegava o tinteiro e atirava nela. Demorou para morrer. Sua natureza fictícia lhe foi de grande ajuda. É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade. Quando eu achava que já tinha

acabado com ela, sempre reaparecia sorrateira. No fim consegui, e me orgulho, mas a luta foi dura; levou muito tempo [...] (WOOLF, 2008, p.11)

Virginia Woolf acreditava que as gerações mais novas desconheciam esse anjo, mas infelizmente precisamos discordar da autora. Ou seja, ainda que a profissão de escritora não fosse aparentemente recusada para as mulheres, havia, e há, uma série de obstáculos à afirmação das autoras, quando os temas tratados se afastam do que socialmente se espera da autoria feminina. Woolf estava equivocada achando que as mulheres pertencentes às gerações mais novas que a dela não conheceriam esse tal “Anjo do Lar”, esse modelo patriarcal de mulher, que tentam fazer de referência no universo feminino. Se Woolf estivesse entre nós, constataria que esse fantasma ainda assombra muitas mulheres em pleno século XXI.

Como o faz com Marina, a protagonista da obra *Senhora dos Mares* (2012), que, desde muito nova, irá travar uma luta contra o seu “Anjo”, pois as sombras de suas asas começam a aparecer sobre suas escolhas desde a infância, tentando dominá-la, como o fizera com outras mulheres de sua família.

Nessa narrativa, Ana Maria Machado constrói, como personagem principal de sua obra, uma menina negra, demonstrando que, para ela, essa representatividade merece ser destacada em nossa sociedade, e dessa forma auxiliar também as crianças negras em sua formação.

Marina foi criada em uma praia tropical e pertencia a uma família de pescadores. Os avôs, os tios, o pai e o irmão saíam de madrugada para o mar, com anzóis, redes e iscas, e só voltavam no final do dia. Nessa apresentação do grupo social a que a personagem pertencia, a autora deixa claro que os homens da família são pescadores, até mesmo os meninos, como o irmão da personagem, Pedro. Vê-se que esse não brinca igual à irmã, muito ao contrário, ele trabalha. A autora, em outros títulos seus, destaca sobremaneira a importância do ato de brincar na infância. Com Marina, não foi diferente, ela nasceu, brincava e tinha o sonho de ser pescadora.

Os olhos de Marina brilhavam com as possibilidades que as pescarias ofereciam aos pescadores, no entanto, só os homens pescavam, e seus irmãos, desde pequenos, iam com eles. Seu desejo era de ir também e viver essas aventuras: pescar, viajar, conhecer outros lugares. Ou seja, Marina personifica o significado de seu nome, carrega consigo as qualidades de extensão e beleza do mar: “Marina vem da origem latina e significa a que vem do mar, marinho, ou seja, este nome refere-se às características daquela que admira a beleza do mar ou até mesmo uma ribeirinha”. (SITE Dicionário de nomes próprios, 2016)

Marina, então, desejosa de fazer parte do grupo de pescadores, sempre pedia ao pai: “– Pai me leva junto?/ – Canoa não é lugar de menina – era sempre a resposta.” (MACHADO, 2012, p.6)

E, assim, ela sempre ficava em terra com as outras mulheres. Deveria compreender que mulher é diferente de homem, era o que lhes diziam. Ela sabia o que era ser homem, as coisas que eles podiam fazer, e ser mulher? Foi apresentada a ela que, para as mulheres, restava o que não competia a eles,

demonstrando que as identidades femininas se constroem na ausência. Ela irá ouvir palavras cheias de significados de sua relação com o outro, não com ela mesma, ou, nas palavras de Stuart Hall:

O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. Nós sabemos que é “noite” porque ela *não* é o “dia”. Observemos a analogia que existe aqui entre língua e identidade. Eu sei quem “eu” sou em relação com o “outro”. (HALL, 2000, p.40)

Ana Maria Machado constrói dialogicamente sua personagem e o ilustrador, Rafael Polon, enriquece essa narrativa com imagens que fazem a suplementação dos textos, auxiliando-nos a compreender a formação da protagonista. Dessa forma, nos momentos de reflexão da personagem, a cena aparece mais escura, o mar revolto, numa clara demonstração de força e perigo, o que torna para a menina, do “sexo frágil”, um lugar improvável para trabalhar. O ilustrador, porém, ao retratá-la dentro de casa, o “seu lugar”, como lhes dizem os adultos de sua família, nos mostra Marina fisicamente ali, mas seus pensamentos não. Na página 8 do livro vemos que as três mulheres de sua família assumiram o lugar que lhes foi destinado, encontram-se totalmente absorvidas pelas funções, se renderam aos “seus lugares”. Todas as três encontram-se igualmente realizando a mesma função, “corpo e alma” numa perfeita engrenagem de uma máquina que reproduz a matriz das mulheres do vilarejo. Marina, como podemos observar nessa ilustração, é uma peça dessa engrenagem, porém, não quer mais reproduzir essa matriz. Assim, apesar de estar fisicamente ali, seus olhos se desviam do rumo que os olhares das outras mulheres tomaram. As mulheres do vilarejo olham sempre para a “mesma direção”. Quando as “sombras das asas de seu Anjo” a ameaçam, ela enfrenta e espanta esse fantasma, pois, ansiava ser diferente das mulheres que conhecia e que sempre exerciam o mesmo papel:

As mulheres ficavam em casa. Cuidavam da horta e das plantas – do milho, dos pés de mandioca, das bananeiras. Arrumavam a casa. Cozinham. Costuravam, bordavam, faziam renda, enquanto conversavam na varanda. Ouviam o barulho das ondas se quebrando na praia e os gritos das gaivotas que voavam em cima da água, mergulhando de vez em quando para pegar um peixe. Mas ficavam em terra. (MACHADO, 2012, p.9)



Ilustração nº1 (MACHADO, 2010, p.8)

Nesse trecho a voz narrativa parece ecoar os dizeres de Bourdieu:

Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres *não podem senão tornar-se o que elas são* segundo a ordem mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. (BOURDIEU, 2015, p.41) [Grifos do autor]

As mulheres da família de Marina, portanto, constituíram-se sem discurso próprio, repetindo estereótipos, fazendo girar a engrenagem que reproduz matrizes fixas para os gêneros. Marina sente-se incomodada em assumir essa identidade pré- determinada para ela, o desenho imposto não será matriz para sua formação. Suas identidades consolidam-se em sua capacidade de transgredir o estabelecido. Não quer ser mais uma peça dessa engrenagem e, assim, difundir esses conceitos que subjetivam e normatizam condutas, que cerceiam o gênero feminino no seu direito de escolha, que estabelecem o lugar privado como o *locus* feminino, como sempre foi estabelecido para as mulheres pela ideologia dominante em sua vila, ou como nos diz Santos:

Construindo-se a identidade da mulher a partir da divisão social entre o público e o privado, panorama em que se desenha, diversamente, o comportamento adequado ao homem e à mulher, cabendo a esta aprender, muito cedo, a lição de desvalorização, que visa a sua sujeição à ideologia hegemônica. (SANTOS, 2008, p.4)

Nossa protagonista busca construir outro sentido para sua vida. A representação do sexo frágil parece muito distante: ela é determinada, corajosa, questionadora e sabe muito bem o que não quer fazer. Sempre que lhe questionavam:

– O que você quer afinal?

Ela mesma não sabia explicar:

– Sei lá. Só sei que não gosto das coisas serem assim. E, para começar, quero ir numa canoa. Pescar talvez. Ou viajar. Lá no mar, depois das ondas. (MACHADO, 2012, p.10)

Apesar de não saber ao certo o que gostaria de fazer, ela se recorda de que gosta dos momentos em que todos estão juntos, como quando ficavam homens e mulheres contando histórias no quintal, ou quando iam jogar flores nas ondas no final de ano. Imbuída desse desejo de estar junto aos homens nas pescarias, Marina não se dá por vencida ante as negativas do pai e insiste no seu pedido, porém, agora é Pedro, seu irmão, que justifica:

– Não é lugar de menina.

– Mas até que podia ser, sim – insistiu ela. – Afinal de contas, se o mar tem uma rainha e não um rei é porque menina pode ir para o mar, sim, senhor.

Voltou a pedir:

– Pai, posso ir com vocês?

Todos riram. Até o pai sorria quando respondeu:

– Menina não pesca, filha.

– Nunca se viu menina pescadora – explicou um vizinho. – Eu vivo aqui pescando há mais de sessenta anos e nunca ouvi falar nisso. Dizem até que ter mulher no barco traz má sorte. Pode ser perigoso...

– Lugar de mulher é em casa – concordaram todos.

(MACHADO, 2012, p.10)

Não adiantou usar o argumento falando de Iemanjá, deusa, flores, enfim, ela se vê impedida, exclusivamente por ser mulher. O fato de pertencer ao sexo feminino foi determinante para que os pescadores da família negassem a ela o direito de escolher seguir o mesmo destino profissional deles, confirmando o que Bourdieu (2015) já havia enfatizado: “é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão” (BOURDIEU, 2015, p.45)

Quando percebe que seu sexo será determinante em sua formação, a personagem se vê frente à sua total falta de autonomia, ao que já está predestinado a ela, enquanto mulher, num mundo dominado exclusivamente pelo universo masculino. O impacto dessa descoberta é descrito pela filósofa Simone Beauvoir:

É o que acontece à menina quando, fazendo o aprendizado do mundo, nele se percebe mulher. A esfera a que pertence é por todos os lados cercada, limitada, dominada pelo universo masculino: por mais alto que se eleve, por mais longe que se aventure, haverá sempre um teto acima de sua cabeça, muros que lhe barrarão o caminho. Os deuses do homem acham-se em um céu tão longínquo que, em verdade, não há deuses para ele: a menina vive entre deuses de fisionomias humanas. (BEAUVOIR, 2009, p.39)

Além disso, Marina conhecerá o universo místico que envolve as aldeias de pescadores e que atribuem à mulher a má sorte nas pescarias. E, assim, ela é apresentada à Panema, à condição de mau agouro exclusiva do sexo feminino. Na mitologia amazônica, a presença da mulher na pescaria é sinônimo de panema, ou azar no resultado, devido à sua suposta impureza. A antropóloga Iraíldes Caldas Torres, estudiosa desse mito, nos informa que a temida má sorte é atribuída muito além da pesca e atinge também as mulheres trabalhadoras extrativistas da região, na caça e também na atividade seringueira:

Na mitologia, basta que a mulher no período da menstruação se aproxime da beira do rio ou toque nos instrumentos de trabalho para ‘empanemar’ os homens. A partir de então, eles não conseguem caçar ou pescar, o que ameaça a sobrevivência local. (SITE Rede Mobilizadores, 2016).

Atualmente, descreve a antropóloga, muitas mulheres amazônicas vêm rompendo com esse mito e cresce o número de mulheres pescadoras, extrativistas e caçadoras, que mantêm suas famílias com seus rendimentos, mas, “ainda não têm direito à carteira de pescador profissional, aos benefícios oriundos desse registro, como o seguro-defeso, no valor de dois salários mínimos, pago no período em que a atividade é proibida.” (SITE Rede Mobilizadores, 2016). Além do cerceamento a esse direito, ela denuncia que o dinheiro que essas mulheres ganham geralmente é administrado pelos maridos, e finaliza: “Apesar dos avanços, vemos que as mulheres ainda têm muito trabalho para superar o patriarcalismo na Amazônia.” (SITE Rede Mobilizadores, 2016)

Beauvoir (2009) também denunciava a continuidade desses padrões que privilegiam o gênero masculino e afirmava: “a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhes imprimiram”. (BEAUVOIR, 2009, p.450)

E assim os “anjos” continuam “voando” por muitos lares. Mas Marina quer espantar de vez o da sua casa e demonstra, na ilustração que acompanha o momento do texto acima descrito, toda a sua insatisfação com essa questão de má sorte.



Ilustração n°2 (MACHADO, 2010, p.15)

Percebemos a menina com a expressão insatisfeita e uma gaivota pousada em sua cabeça. Seria essa gaivota o “Anjo do Lar” de Marina lançando suas sombras, mais uma vez, sobre a personagem? O mar encontra-se escurecido, os olhos de Iemanjá são brilhantes e esverdeados, a cena parece-nos carregada com o peso da tradição, e apresenta uma menina insatisfeita, desafiada a encontrar meios de expulsar esse “Anjo”, que, assim como o de Virginia Woolf, insiste em aparecer e fazer valer o que está prescrito para o gênero feminino, ou seja, como afirma Bourdieu:

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscições arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos. (BOURDIEU, 2015, p.71)

Marina, porém, opta por questionar, subverter essa “ordem das coisas”. O verde dos olhos da rainha do mar, cor que socialmente carrega a simbologia da esperança, inspira-a, dá-lhe a coragem necessária para romper e construir novas possibilidades de realizar seus anseios. A estratégia de construção narrativa utilizada pela autora na resolução desse impasse merece atenção especial. Apesar de vivenciar os mistérios do mundo místico, a protagonista busca resolver seus conflitos de forma independente, sem o auxílio que outras personagens da Literatura Infantil, como as princesas, tiveram, ou seja, as fadas madrinhas, com quem sempre contaram. Segundo Regina Zilberman, “[...] as personagens femininas relacionadas antes têm algumas particularidades que as tornam mágicas”. (ZILBERMAN, 2014, p.82)

Marina, portanto, decide insistir na realização de seu desejo, de ser dona de suas escolhas, e a única responsável por essa realização, compreende a menina, é ela mesma. Seguindo a mesma

linha, Zilberman destaca que as novas personagens infantis, assim como a construída por Ana Maria Machado:

Não têm qualquer atributo mágico, não dispõem de auxiliares capazes de ações sobrenaturais, e vivem a mesma realidade cotidiana e problemática similar à que o leitor experimenta. Seu mundo é, digamos, “normal”, igual ao nosso, em que bichos não falam, mortos não ressuscitam, príncipes não aparecem subitamente para mudar o curso da existência. No entanto, elas são insubmissas e ensinam amigos ou companheiros a atuar de maneira diferente, encontrando, assim, alternativas de vida ou comportamento que podem torná-los mais felizes ou, pelo menos, mais conscientes do que acontece em volta de si. (ZILBERMAN, 2014, p.83)

As coisas começam a mudar com a novidade de que a vilateria uma escola. Marina poderia estudar com as outras meninas e os garotos menores. Pedro, seu irmão, também queria estudar, e logo foi propor ao pai sua substituição por Marina: “– Ela não pode ficar uns dias no meu lugar de vez em quando, para eu poder ir à escola também?/ – Não – disse o pai.– Preciso de ajuda no barco e ela não sabe fazer nada./ Então eu te ensino – disse Pedro para a irmã.” (MACHADO, 2012, p.19)

Ele cumpriu o prometido e, nos finais de semana, ensinava à irmã as manobras e os segredos do mar. Marina retribuía, ensinando ao irmão o que aprendia na escola. Também insistiu com o pai para que o irmão frequentasse a escola e, assim, pudesse ter um futuro melhor. O pai cedeu ao pedido e então Pedro, durante a semana, frequentava a escola, mas, nos finais de semana e feriados, tinha que ajudar na pescaria. Mais uma vez a voz narrativa enfatiza que ele “nem podia brincar direito”. (MACHADO, 2012, p.17)

A rotina mudou de vez quando. Certo dia, o pai adoeceu e não podia ir trabalhar. Pedro, então, convidou a irmã para ajudá-lo e não precisou repetir o convite, ela logo aceitou. O sucesso dessa pescaria foi prontamente questionado pelos pescadores do povoado, que o atribuíram à sorte, à ajuda da rainha Iemanjá. Porém, ficaram sem argumentos quando o sucesso se repetiu nos dias seguintes e ninguém mais teve coragem de dizer que menina dá azar em pescaria.

Até o próprio pai despiu-se desse preconceito e, quando melhorou, saiu “feliz da vida” a bordo do barco com a boa companhia dos dois filhos. Foram tempos de profundas mudanças naquela família: as duas crianças passaram a frequentar a escola todos os dias e o pai contratou um ajudante. As pescarias para as crianças agora seriam apenas para se divertirem, ou quem sabe, optarem por serem suas profissões quando adultos. A rendição à insistência da filha só ocorreu porque ela mostrou ao pai suas capacidades, independentemente do gênero a que pertencia. A necessidade de conquistar essa confiança paterna, dar provas de sua competência, que foi exigida da personagem, não foi exclusividade dela e também já fora descrita por Beauvoir: “A mulher deve incessantemente conquistar uma confiança que não lhe é de início concedida: no princípio ela é suspeita, precisa dar

provas de si.” (BEAUVOIR, 2009, p.470)

Até o nome do barco sofreu alterações: agora ele se chamaria Senhora dos Mares. Todos pensaram que fosse homenagem a Iemanjá, mas a menina ouviu orgulhosa do pai: “– Também é para você, minha filha. A primeira marinheira da nossa terra.” (MACHADO, 2012, p.23)

No final, a ilustração nº03 nos mostra a personagem misturada com o mar, suas cores refletem as mesmas cores com as quais o ilustrador havia pintado a Rainha Iemanjá, com olhos brilhantes e verdejados, cheios de esperanças, com um sorriso no rosto. A escuridão, que prevalecia nas águas do mar, agora são apenas as ondas dos cabelos de Marina. A menina pode não ter, ainda, matado o seu “Anjo do Lar”, mas, por enquanto, suas asas não andam fazendo “sombras” sobre ela.



Ilustração nº 03 (MACHADO, 2010, p.22-23)

Considerações Finais

O poder narrativo da obra *Senhora dos Mares* (2012), que fala ao leitor mirim sobre novas formas de vivenciar o gênero feminino, permite ao leitor profundas reflexões. Ao distinguir socialmente diferentes papéis aos gêneros, percebemos o quanto é prejudicial para ambos. No caso dos personagens infantis Pedro e Marina, ao desempenharem o que lhes foi atribuído socialmente, ambos se veem cerceados na realização de seus desejos: Pedro não podia estudar e Marina não podia ser pescadora. Suas subjetividades, caso não houvesse, por parte da menina, a transgressão de tais normas, seriam construídas não por um discurso próprio e sim pautados pelo discurso dos outros, os papéis que devem desempenhar em uma sociedade regida por normas que privilegiam o patriarcalismo.

Nesse sentido, pensar na representação de gêneros nessa obra é conceber que se trata de uma concepção de Literatura que esteja à nossa altura e à das crianças, de modo a pensá-la e representá-la, pois quando falamos em Literatura Infantil nos remetemos à infância, à nossa e à dos personagens que darão vida às histórias. As transformações ocorridas na sociedade, na qual, atualmente, as mulheres

ocupam cargos e postos anteriormente impensados para o sujeito feminino, devem ter na arte que circula no universo infantil essa representação, o que certamente encontramos na obra objeto de análise. Nesse contexto, consideramos que a obra *Senhora dos Mares* (2012) apresenta um potencial de resistência que dialoga com o que se espera a leitora e o leitor mirim da contemporaneidade.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. [Trad.] MILLIET, Sérgio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. [Trad.] KÜHNER, Maria Helena. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

BRASIL. *Política Nacionais de Educação Infantil*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br>, acesso em 20 de outubro de 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAJOLO, Marisa. “Infância de papel e tinta”. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.

LARROSA, Jorge. “Narrativa, identidad y desidentificación”. In: _____. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Ed. Laertes, 1996.

LOBO, Luíza. “Dez anos de literatura feminina brasileira (1975-1985)”. In: *Crítica sem juízo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Senhora dos Mares*. São Paulo: Gaia, 2012.

_____. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 2009a.

OIT. *Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios* / Organização Internacional do Trabalho. Brasília: OIT, 2010.

POLETTO, Ana Júlia. *A vida íntima de todas nós: Clarice Lispector e seus infantes*. In: ZINANI, CecilJeanine Albert; CARVALHO, Diógenes Bueno Aires de. [Orgs.] *Estudos de Gênero e Literatura para crianças: um diálogo pertinente* Caxias do sul: Editora EDUCS, 2015, p. 149-160.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. “*Bisa Bia, Bisa Bel*: a representação do sujeito feminino”. In: *Fazendo Gênero*. Vol.8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. v.16, n.2, jul/dez, 1990. Tradução Guacira Lopes Louro. Porto Alegre.

WOOLF, Virgínia. *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. São Paulo: Col. L&pmPocket, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro. *Literatura e pedagogia: Ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; CARVALHO, Diógenes Bueno Aires de. [Orgs.] *Estudos de Gênero e Literatura para crianças: um diálogo pertinente*. Caxias do sul: Editora EDUCS, 2015.

SITE Rede Mobilizadores. *Mulheres na pesca, sorte na certa*. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/noticias/pesquisa-aborda-universo-das-mulheres-na-amazonia/>>, acesso em 2 de outubro de 2016.

SITE Dicionário de nomes próprios. Disponível em: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br>>, acesso em 4 de outubro de 2016.